

lhe dar uma dose de Poliana. Não conheço ninguém que precise mais!

A senhora Carew ficou um pouco tensa.

– Bem, o que é Poliana eu não sei, mas, seja o que for, não quero – respondeu de maneira brusca, irritada. – Este não é o seu adorado hospital e eu não sou sua paciente para ser medicada e receber ordens, não se esqueça, por favor.

Os olhos de Della Wetherby se agitaram, mas os lábios permaneceram cerrados.

– Poliana não é um remédio, minha querida – disse com delicadeza –, embora eu tenha ouvido algumas pessoas a chamarem de “tônico”. Poliana é uma garotinha.

– Uma criança? Bem, como eu poderia saber? – rebateu a irmã, ainda magoada. – Você tem sua “beladona”, então não vejo por que não teria uma “poliana”. Além

disso, está sempre me recomendando alguma coisa para tomar, e disse com clareza “dose”. E dose normalmente significa algum tipo de remédio.

– Bem, Poliana é um remédio... um tipo de remédio – Della sorriu. – Enfim, todos os médicos do hospital dizem que ela é melhor do que qualquer remédio que eles possam receitar. É uma garotinha, Ruth, de 12 ou 13 anos, que ficou no hospital durante todo o verão passado e a maior parte do inverno. Eu só estive com ela por um ou dois meses, ela saiu pouco depois que cheguei. Mas isso foi o bastante para que eu ficasse completamente sob seu encanto. Além disso, o hospital inteiro ainda fala de Poliana e faz o seu jogo.

– *Jogo!*

– Sim – Della assentiu e deu um sorriso curioso. – O jogo do contente. Nunca me

esquecerei de quando fui apresentada a ele. Uma parte do tratamento de Poliana era particularmente desagradável, até dolorosa. Era toda terça-feira de manhã e, logo após minha chegada, ficou sob minha responsabilidade. Pela minha experiência com outras crianças, eu estava preocupada, pois sabia o que esperar: aflição e lágrimas, se não coisa pior. Para minha grande surpresa ela me cumprimentou com um sorriso e disse que estava contente por me ver. E, se é que vai acreditar, não houve um choramingo sequer durante todo o suplício, embora eu soubesse que a machucava cruelmente.

- Acho que devo ter dito algo que transpareceu essa surpresa, porque ela me explicou com franqueza: "Ah, sim, eu costumava me sentir assim também, e tinha muito medo, até que eu pensei que era

apenas como os dias em que Nancy tinha de lavar roupas, e eu podia ficar muito mais contente nas *terças-feiras*, porque não teria outra terça por uma semana inteira.”

– Ora, que extraordinário! – a senhora Carew franziu a testa, sem entender muito bem. – Mas com certeza não vejo nenhum *jogo* aí.

– Não, eu também não vi, até ela me contar. Parece que ela era filha de um pastor humilde no oeste e órfã de mãe, foi criada pelas senhoras da Sociedade Auxiliadora Feminina e recebia caixas de doações. Quando era ainda bem novinha, ela queria uma boneca, e a esperava com confiança na caixa seguinte, mas acabou não recebendo nada além de um par de pequenas muletas.

– A menina chorou, claro, e foi então que o pai ensinou o jogo de procurar por algo pelo que se alegrar em tudo que

acontecesse. E disse que ela poderia começar ali mesmo, ficando contente por não *precisar* das muletas. Esse foi o início. Poliana disse que era um jogo maravilhoso e que o jogava desde então. E que quanto mais difícil encontrar a parte positiva, mais divertido era, até quando era *terrivelmente* difícil, como muitas vezes já tinha sido.

– Ora, que extraordinário! – murmurou a senhora Carew, ainda sem entender muito bem.

– Você acharia mesmo se pudesse ver os resultados desse jogo no hospital. – Della assentiu. – E o doutor Ames diz que soube que ela revolucionou do mesmo jeito a cidade inteira de onde veio. Ele conhece muito bem o doutor Chilton, o homem que se casou com a tia de Poliana. Aliás, acho que esse casamento foi um de seus feitos. Ela terminou com uma antiga briga